



## GUERRA ISRAEL-HAMAS

Funcionários do organismo de ajuda humanitária a refugiados palestinos são acusados de participar dos ataques de outubro

# Agência da ONU perde apoio financeiro

Após denunciar o suposto envolvimento de funcionários da Agência da Organização das Nações Unidas para os Refugiados Palestinos (UNRW) nos ataques de 7 de outubro, Israel afirmou, ontem, que acabará com o organismo na Faixa de Gaza. Os atos concretos pelos quais eles são acusados não foram divulgados. Ao menos oito países — Estados Unidos, Reino Unido, Austrália, Canadá, Itália, Finlândia e Holanda — anunciaram a suspensão de financiamento para a UNRW, fundada em 1949 e alvo das autoridades israelenses há muito tempo. Em um comunicado à imprensa, o comissário geral da agência, Philippe Lazzarini, disse que os funcionários foram desligados, "para proteger a capacidade da UNRW de prestar assistência humanitária". Desde Amã, Lazzarini garantiu que lançou uma investigação "a fim de estabelecer a verdade sem demora". O comissário também afirmou que condena os ataques de 7 de outubro, apelou para a libertação dos reféns israelitas e assegurou que qualquer prestador de serviço da UNRW envolvido nos atos de terror será responsabilizado, "inclusive por meio de processo criminal".



Crianças em frente a um prédio destruído por bombas israelenses, ontem, em Rafah, no sul da Faixa de Gaza: mais de 26 mil mortos

### Apelo

Primeiro país a anunciar a suspensão temporária do financiamento à agência, ainda na sexta-feira, os Estados Unidos afirmaram que são 12 os funcionários que estariam envolvidos no ataque do Hamas. Ontem, o chanceler Yisrael Katz divulgou nota afirmando que Israel pretende "deter" todas as atividades da agência. Também pediu que os doadores da UNRW, que presta ajuda humanitária a refugiados palestinos no Oriente Médio, passem a "favorecer agências que se dedicam à paz e ao desenvolvimento, de maneira sincera". Hamas, por sua vez, apelou à comunidade internacional

para que "não ceda às ameaças e à chantagem". O grupo islamita, classificado como organização terrorista por Israel, Estados Unidos e União Europeia, acusou Tel Aviv de querer privar os moradores de Gaza de qualquer ajuda. O alto representante para a política externa da União Europeia, Josep Borrell, pediu prudência. Apesar de reconhecer que a agência desempenha um "papel vital" em Gaza, ele afirmou que espera total transparência, antes de o bloco tomar uma decisão sobre o financiamento. A Suíça também se recusou a tomar partido e pediu mais informações.

### Tanque

A UNRW, que atua nos territórios palestinos ocupados, assim como no Líbano, Jordânia e Síria, enfrentou dificuldades para financiar suas operações nos últimos anos. As relações com Israel pioraram depois que a agência da ONU atribuiu a tanques israelenses os disparos que atingiram, na quarta-feira, um de seus centros de abrigo aos deslocados em Khan Yunis, no sul de Gaza. Ao menos 13 pessoas morreram e 56 ficaram feridas no ataque, segundo a agência, que denunciou uma "violação flagrante das regras fundamentais da guerra". O

Exército israelense anunciou que iniciaria uma "investigação exaustiva" de suas operações na região, mas não descartou a responsabilidade do Hamas no ataque. A guerra começou em 7 de outubro, quando os combatentes do Hamas atacaram o sul de Israel, mataram quase 1.140 pessoas, a maioria civis, e sequestraram outras 250, segundo um balanço da agência de notícias France Presse. Em resposta, Tel Aviv iniciou uma ofensiva aérea e terrestre que deixa, até o momento, pelo menos 26.257 mortos em Gaza, a maioria mulheres e crianças, segundo o Ministério da Saúde do território governado pelo Hamas.



Qualquer funcionário da UNRW que estiver envolvido nos atos de terror será responsabilizado, inclusive criminalmente"

Philippe Lazzarini, comissário geral da UNRW

### No sul de Gaza, forte combate

Forças israelenses e milicianos do Hamas travaram intensos combates ontem, no sul da Faixa de Gaza, empurrando milhares de deslocados em direção à fronteira do território palestino com o Egito. As batalhas concentraram-se em Khan Yunis, a maior cidade da região, onde os dois principais hospitais, que abrigam milhares de pessoas que perderam suas casas, mal funcionam em um cenário de ofensiva implacável. A Organização das Nações Unidas (ONU) calcula que quase 1,7 milhão de civis abandonaram suas casas desde o início da guerra, em 7 de outubro. "Disparos de tanques apontam desde a manhã (de sábado) para os setores do oeste da cidade, para o campo de refugiados de Khan Yunis e os arredores do hospital Nasser", onde provocaram "um corte de energia elétrica", anunciou o Hamas. Rafah, para onde muitos foram em busca de refúgio, também não escapou das bombas.

### Genocídio

Na sexta-feira, a Corte Internacional de Justiça (CIJ), com sede em Haia, determinou que Israel deve prevenir possíveis atos de "genocídio" em sua guerra contra o Hamas, classificado como organização terrorista por Israel, Estados Unidos e União Europeia. Também pediu ao país que facilite a entrada de assistência humanitária em Gaza. O tribunal, no entanto, não tem como exigir o cumprimento de suas decisões. A guerra prossegue sem trégua, mas Catar, Egito e Estados Unidos tentam atuar como mediadores para obter uma nova trégua, que incluiria a libertação de reféns e prisioneiros palestinos, como aconteceu no fim de novembro. Segundo a agência de notícias France Presse, a Agência Central de Inteligência (CIA) norte-americana se reunirá com autoridades de Israel, egípcias e catarianas nas próximas semanas para discutir a situação em Gaza.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

## A NATUREZA PERDEU A PACIÊNCIA

Em 2024, mais da metade dos 8 bilhões de habitantes do planeta verão seus países passarem por eleições nacionais. É um recorde, que agitará a vida de mais de 80 países. Em janeiro, Bangladesh deu início a este massivo ciclo eleitoral, reelendo Sheikh Hasina como primeira-ministra do país. Com 170 milhões de habitantes, o país do Tigre de Bengala, tem a oitava maior população do mundo. Atrás do Brasil, terra da Onça Pintada. Felinos majestosos, em risco de extinção. Hasina chega ao quinto mandato à frente do Poder Executivo de Bangladesh, país que figurou no noticiário recente por decretar a prisão de seu Nobel da Paz, Muhammad Yunus, por questões trabalhistas. Yunus ficou famoso pela concessão de microcrédito a pessoas de baixa renda, por meio de um banco criado por ele. Empréstimo sem garantia para a população que vive na miséria o fez o primeiro

banqueiro a usar, com sucesso, a teoria econômica a favor dos sem-economia. O rico inusitado afirma que, embora não sejam os pobres que criam a pobreza, sua habilidade para sobreviver é que pode tirá-los da miséria. Qualquer que seja a eleição à vista — a de Taiwan, vencida por Lai Ching-te, contra a unificação com a China; do blogueiro indiano Narendra Modi; do assustado Parlamento Europeu; do trapézista Donald Trump; do excessivo número de prefeitos brasileiros —, o ano de 2024 pode consagrar a ideia de que, em relação à natureza, a noção de sensibilidade da política se parece com a certeza da ignorância. Todo político vai falar da natureza. Só que ninguém fará o que é preciso. Porque os otimistas consideram a poluição um mal digno de ser gozado. E os pessimistas entregaram os pontos para o jogo bruto da economia. Poluição e pobreza não foram criadas pela natureza. Todos os riscos por

que passa o mundo foram criados pela má gestão da política e pela forma como os governos agem, autorizam ou se omitem diante de ações nefastas. É a falta de lealdade à natureza que nos levou ao que estamos vivendo. Questões ambientais estão no topo dos problemas atuais. Descontrole total dos eventos climáticos, calor ou frio extremos, mudança crítica nos sistemas terrestres, perda de biodiversidade e colapso dos ecossistemas, escassez de recursos naturais, poluição geral. Sem engenho ou polimento, a maior parte da riqueza criada sobre a Terra não tem estilo, delicadeza ou cuidado com a natureza. A resposta é a fúria de uma natureza que perdeu a paciência com os habitantes da Terra. Como os seres humanos deixaram de cumprir com as leis da hospitalidade, a natureza mudou seu conceito de liberdade e de confiança. Daí, então, a civilidade da passagem do

tempo — contemplar o céu, a poesia da chuva, das estações do ano, do frescor das manhãs e da beleza nostálgica das tardes — foi perdendo a civilidade. A prosperidade das cidades e dos países pôs em perigo a vida de todos. E, diz a natureza, como o favor dos grandes é sempre incerto e não adianta persuadir governos para se unirem e salvarem os jardins que plantei desde a eternidade, temo que mais saqueiem minhas riquezas, até levar a Terra ao estertor. Ninguém considerava que usar mal o tempo prejudicaria a Terra. E a maioria não se interessa ainda, até que assusta o efeito que a transformação no rosto da Terra revela. A operação de destruição do tempo nunca é óbvia ou evidente, especialmente quando todas as mudanças que vivemos são determinadas por forças e influências que não sabemos deter. Progresso técnico não é a felicidade. Mas, só quando vamos a um lugar que não vemos há muito tempo é que somos capazes de nos espantar com a pele e o rosto da Terra que então reencontramos. Talvez a humanidade não seja mais

capaz de renovar a amizade pela natureza. No poder, o governante diz mais o que não pensa, valoriza a posse e se esquece do motivo da conquista. Só encoraja e prestigia quem o gratifica com lisonja. Detesta quem o instrua com lealdade. É inútil escrever contra a destruição da Terra. O pensamento predador cresce, confinado em vale, protegido por pouca instrução e muita distração. Para ele, a natureza não é vista como lugar de desespero, é o melhor dos mundos para negócios. Desde que o progresso se misturou aos temíveis barulhos de obras sem limite, e a poluição se mesclou a divertimentos pessoais, a convicção sobre valores começou a ser a mais fraca das opiniões. Em pouco tempo, a razão se escondeu atrás da alma, que, insegura diante do interesse, se entregou à sua mais nova e forte percepção — descrever da boa gestão da Terra. A arte de injuriar, própria do progresso, reforça a sensação de desolação de quem antevê o desenlace em desfavor da natureza. PAULO DELGADO, sociólogo